

Introdução

Esta dissertação é inspirada no trabalho da Associação Digaí-Maré, na qual eu e alguns colegas, investidos pela teoria psicanalítica, pelo desejo e a pesquisa, realizamos uma prática de atendimento em grupo orientado pela psicanálise freudiana e sua releitura a partir de Jacques Lacan.

O trabalho ali desenvolvido me lançou diretamente ao tema do grupo, desde sua concepção enquanto coletivo e alteridade, até a sua possível dimensão clínica. As questões que me eram impostas na lida tratavam da relação que os membros de um grupo clínico de orientação psicanalítica fundavam uns com os outros.

A reunião de indivíduos numa estrutura autônoma não foi objeto privilegiado da psicanálise - o texto “Psicologia de grupo e análise do ego” (Freud, [1921])¹ é a exceção que confirma a regra – entretanto, a participação do coletivo na vida anímica dos indivíduos é exaltada desde a descoberta da psicanálise. Mesmo em “A interpretação dos sonhos” (Freud, [1900]), marco da teoria psicanalítica, a presença dos outros se encontra presente na dinâmica do inconsciente como idéia fundamental. Jacques Lacan em sua releitura da obra freudiana reiterou tal aspecto inventando o conceito do grande Outro², fundamental na dinâmica relacional do sujeito com o mundo.

Embora, a maneira própria de cada um se constituir com o outro não seja novidade para a teoria psicanalítica, muito pelo contrário, o desafio do trabalho no Digaí-Maré me convidou a redescobrir a psicanálise enquanto teoria calcada fundamentalmente na relação entre a subjetividade e o coletivo. Por isso, o mote dessa dissertação foi o texto freudiano que trata da massa e do ego como estruturas similares, equivalentes.

¹ Ao longo da dissertação citaremos Freud apenas pela data de publicação.

² O conceito de grande Outro foi inventado por Lacan para designar a alteridade que encerra o sujeito. A mãe, a linguagem e a cultura foram alguns correspondentes desta alteridade elencados na obra lacaniana (Lacan, 1964).

No texto de 1921, ainda que a clínica dos grupos não seja a questão tratada por Freud, o agrupamento por ele descrito, é abordado com uma série de apreciações que apontam para o improvável uso do artifício do grupo na prática da psicanálise. Os clínicos³ do Digaí-Maré observam frequentemente nos grupos a aparição dos fenômenos descritos em “Psicologia de grupo e análise do ego”. São exatamente estes impasses que nos servem como ponto de partida para reinventarmos a nossa prática, grupo a grupo, um a um.

Para Freud [1921], o conjunto “coeso” é visto como um retorno ao primitivo no que se refere ao aspecto indiferenciado em que os membros de um grupo se encontram, e também pela possibilidade de não regulação dos instintos. Contudo, o conceito de laço social desenvolvido pela psicanálise não alude à diluição do singular na homogeneidade universal. Ao contrário, as operações que descrevem o advento do sujeito revelam que é pela singularidade que este pode dirigir-se aos outros. Estabelecido aí este primeiro paradoxo – entre o enlace da massa e o laço social - o percurso deste trabalho busca trilhar algumas contribuições para o entendimento da união no grupo, desde uma massa uniforme ao possível grupo clínico, a partir da figura que a promove.

Durante a pesquisa teórica e observação dos casos clínicos, percebi que a configuração problemática do grupo se dava especialmente a partir de um fator determinante apontado por Freud: o líder. Esta figura apresenta-se na multidão⁴ como o elemento agregador, que promove o enlace dos membros numa homogeneização alienante.

Para lidar com a problemática desenhada, o primeiro capítulo desta dissertação inicia uma investigação da multidão e algumas alegorias que delineiam a massa freudiana. A obra privilegiada para o estudo do grupo e que foi tomada como ponto de partida deste capítulo é “Psicologia de grupo e análise do ego” (Freud, [1921]). Nela encontramos um minucioso estudo sobre os fenômenos perceptíveis na massa. Na primeira parte do texto, Freud descreve as

³ Utilizaremos o termo “clínico” para designar o praticante da técnica psicanalítica nos grupos clínicos do Digaí-Maré. Nossa base conceitual está em: GROVA, T.; MACHADO, O. (Orgs). Psicanálise na favela - projeto Digaí-Maré: a clínica dos grupos. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008.

⁴ Ao longo desta dissertação usaremos os termos multidão e massa para tratar da agremiação de pessoas caracterizada no texto de Freud [1921]. O primeiro – multidão - foi um termo especialmente utilizado nas traduções dos textos de Le Bon; e, massa embora tenha sido o significante eleito por Freud, foi amplamente traduzido por grupo pelo português. Guardaremos grupo para outro momento, marcando aí uma diferença entre este e massa e/ou multidão.

características notadas no agrupamento, apontando para observações gerais que perpassam a teoria da época acerca do fenômeno. Isto quer dizer que em um primeiro estudo, o texto traz um aporte universalizante do grupo.

Listando as características inerentes ao processo de agrupamento em geral, Freud chega à conclusão de que a figura do líder é fundamental, pois dela depende a união dos membros da massa. Isto se deve ao fato de que este personagem encarna a função de Ideal do eu, conceito que promove a aderência dos membros com o líder e dos membros entre si.

A caracterização da multidão feita por Le Bon⁵ é fundamental na abordagem freudiana do tema. Por isso também utilizamos o texto “Leis Psychologicas da Evolução dos Povos” (Le Bon, 1910), em que o autor faz um estudo metucioso dos povos a partir do conceito de “alma das raças”, ou ainda “inconsciente racial”. A conceituação de Le Bon engendra uma primeira justificativa para a noção de homogeneidade da massa.

A retomada de Freud a tal contribuição aprofunda as elaborações primeiramente mais descritivas, e origina, agora sim, num viés psicanalítico por excelência, algumas coordenadas lógicas do coletivo, que culminam na retomada do Pai na horda e do Pai no Complexo de Édipo, a partir do conceito de identificação.

O segundo capítulo destina-se a uma apreciação da relação entre a massa e a civilização. Os textos O “mal-estar na civilização” [1930] e “Totem e Tabu” [1913] são fundamentais nessa parte. Do primeiro, privilegiamos o aspecto da civilização em oposição à **massa primitiva**. A primeira enquanto marco de surgimento do homem distinto do resto do mundo, e a segunda enquanto origem do homem, marcada pela indiferenciação. Em “Totem e tabu”, Freud resgata - através da narrativa do clã mitológico - o que teria sido a primeira massa, o primeiro líder e a primeira identificação,

A civilização para Freud é o grupo depois da morte do Pai da horda. Este último por sua vez, representa o primeiro líder, ser que encarna por sua vida o gozo absoluto, e por sua morte a lei e o desejo, responsáveis pela união de seus filhos, sem sua presença personificada. Para Freud e Lacan, os membros

⁵ Autor amplamente utilizado na obra de Freud [1921].

“civilizados” também estão unidos. Contudo esta agremiação se faz através da destituição do pai absoluto, operação que marca um a um a diferença que encerra o sujeito. Diferente da massa que necessita de um líder para se agrupar, a união aludida pela civilização prescinde de existência de um personagem privilegiado. Ela é constituída depois da morte do “líder”, e por isso é simbólica por excelência, já que as relações se estabelecem pela falta⁶.

O clã mitológico narrado por Freud descreve a época em que a autoridade irrestrita era concedida a um único personagem. O Pai da horda é o primeiro líder, é o pai onipotente do início da operação edipiana. Ainda que não factual, a historieta da horda também se encontra presente na memória de todos⁷. É o que nos adverte outro mito – o Édipo. A massa ou a multidão são tentativas de reencenar a montagem da horda, ou ainda de um momento lendário no qual o Ego era indiferenciado.

Os mitos contam o indizível, a origem das coisas, no nosso caso a genealogia do sujeito e do mundo, este último enquanto alteridade fundamental do primeiro. Ao mesmo tempo, que inferem uma “não-verdade”, são cognoscíveis, são partilhados. O mito da horda e do Édipo são ficções reais que nos ajudam a compreender os conceitos aqui tratados.

O terceiro capítulo adentra a idéia de regresso primitivo para tratar dos primeiros operadores lógicos do coletivo, de onde o Eu advém primacialmente. No estudo da psicanálise lacaniana, há o entendimento de que desde os primórdios da vida anímica de um indivíduo este se encontra no coletivo. É pelo coletivo que a estrutura psíquica se forma. Quando um ser é inundado por um emaranhado de significações que antecedem sua existência, é através da tentativa de distinção entre ele e o mundo que algo de singular pode surgir. Neste ponto, a leitura lacaniana dos textos freudianos possui várias formalizações teóricas que ilustram nossa colocação. O “Complexo de Édipo”, o conceito de “Outro”⁸ são apenas alguns exemplos que nos mostram que para a psicanálise o indivíduo jamais é tomado só, apenas. Isto não quer dizer que ele não possui atributos,

⁶ Trataremos da relação entre as relações simbólicas, a morte e a falta especialmente no terceiro capítulo desse trabalho, intitulado “Uns com os outros, o laço possível” p. 43.

⁷ Referimo-nos aqui a um passado comum, como veremos adiante, no qual se vislumbra que alguém possui o privilégio que o Pai da horda, onipotente, desfrutou.

⁸ Tais conceitos serão abordados também no terceiro capítulo.

características, personalidade e sintoma únicos; mas, aponta para o fato de que um indivíduo está desde sempre no coletivo, sua origem se dá no coletivo.

Sabemos que a instância que delimita uma unidade própria do homem - o *eu* - não é um dado de nascimento, nem um aprendizado, no sentido restituível da informação. O Eu é uma propriedade que nasce do meio do mundo. Por isso, quando emerge já se encontra rodeado de outros, do Outro. Esta teorização foi formalizada por Lacan através do “Estádio do Espelho”⁹. Neste, as fronteiras que unificam um corpo coeso são dadas especialmente pela separação de um ser com aquilo que lhe é externo. Neste momento de cisão, não somente o Eu se constitui, como também aqueles que não o são. Esta idéia de unicidade, tão clara para nós, não é uma apreensão simples. Se voltarmos os olhos para os fenômenos da psicose notaremos que a percepção de um corpo, de um *eu* não são provenientes de sensações inatas. Os sintomas psicóticos de perseguição e alucinações auditivas, por exemplo, nos indicam que, nesta afecção, o eu e os outros estão misturados, sem os limites protetivos que a hipótese de um eu engendra.

No texto de 1949, Lacan ilustra, a partir do reflexo, a separação entre o Eu e o Outro, reconhecendo a importância deste último. O Outro é responsável pelo empuxo antecipatório da unidade corporal constituída pela nomeação, que engendra as primeiras identificações. A fase do espelho está relacionada diretamente ao narcisismo descrito por Freud, no qual o *infans* encontra nele próprio seu primeiro investimento “objetal”. As aspas aqui servem para nos alertar ao paradoxo de que o primeiro objeto do ser é na verdade ele mesmo.

Na sequência, o estudo do Complexo de Édipo se faz necessário, visto que institui, a partir desta primitiva concepção de Eu, os primeiros outros da vida anímica do sujeito. Sua dinâmica é responsável por instaurar o laço social através de um atributo universal, a lei. Esta não só nos divide como permite que façamos laço, que nos relacionemos. Através dos ideais e dos jogos de identificação que o complexo de Édipo põe em cena, o ser ganha o artifício que coloca o sujeito em marcha e que o situa diante do mundo.

Uma vez delimitadas algumas das principais coordenadas do coletivo, das quais decantam alguns dos conceitos a serem trabalhados nesta dissertação, o

⁹ Lacan, 1949.

próximo passo consiste no estudo do pequeno grupo lacaniano denominado cartel, como uma tentativa de restituir o laço simbólico no grupo. O quarto capítulo se detém no aprofundamento deste dispositivo inventado por Jacques Lacan cuja finalidade era a transmissão da psicanálise.

Para criar este artifício, Lacan utiliza as advertências que o texto freudiano [1921] traz, ao mesmo tempo, em que se inspira na experiência de Bion com grupos durante a segunda guerra mundial. O empreendimento lacaniano consiste no desmonte das qualidades da massa, tendência “natural” de qualquer grupo.

Para tanto o papel do *mais-um*¹⁰ revela-se basilar no cartel como aquele que resguarda o não-lugar do líder, do não-saber. Ele está no grupo trabalhando para que na relação entre os participantes do cartel (inclusive com ele) não se estabeleça uma dinâmica calcada no Ideal do eu, como ocorre na massa. Entretanto, esta pessoa é eleita pelos quatro outros membros do cartel, sinalizando que de entrada, o *mais-um* possui, sim, um lugar privilegiado. Espera-se aí que, uma vez em trabalho analítico, o *mais-um* possa descartar esta vestimenta de saber esperada pelos outros. E ainda que, a cada encontro, os participantes do cartel, também pelo processo de análise, possam abrir mão da exigência de saber endereçada ao Outro.

Além disso, o interesse comum no cartel, tal como a tarefa no grupo de Bion, intenta uma união despersonalizada - ou seja, independente de uma figura privilegiada - e ao mesmo tempo singularizada por um produto único. A hipótese de base para o projeto Digaí-Maré é que a criação do pequeno grupo lacaniano é fundamental para pensarmos posteriormente um uso do grupo como artifício clínico.

Inspirados na teoria do Cartel de Lacan, os grupos clínicos buscam “tratar” os efeitos de massa do agrupamento, propondo que a singularidade seja incluída no conjunto. Esta operação não deixa de ser a operação da técnica psicanalítica por excelência. Entretanto, quando o objeto é o grupo, algumas peculiaridades são postas como embaraços logo de saída.

¹⁰ Conceito inventado por Jacques Lacan para designar a pessoa que trabalha evitar de que no cartel proliferem as características da massa freudiana. Este conceito será aprofundado no quarto capítulo desta dissertação p.56.

O último capítulo dessa dissertação é voltado para a reflexão do trabalho de dois grupos clínicos em funcionamento no Digaí-Maré. Foram escolhidos dois casos para ilustrar os impasses e possibilidades que um grupo de intenções clínicas de orientação psicanalítica engendra. O primeiro caso destina-se à apreciação do grupo enquanto potencialidade de massa. Neste, o empuxo ao líder, as tendências à homogeneização no universal e à segregação ilustram a problemática discutida no primeiro capítulo. A coesão da massa aponta para a falta de lugar do singular, do sintoma.

O segundo exemplo ilustra a alternativa de furar um conjunto através da presença-ausência do clínico revestido das propriedades do *mais-um*. No grupo, a tarefa comum cumpre uma primeira função de união que seria destinada ao líder. A tentativa de emergência deste lugar privilegiado é rapidamente substituída pelo trabalho de todos. A circulação do produto de cada participante do grupo oferece a possibilidade de inclusão dos restos que jamais caberiam na massa universal. Neste grupo, observamos que aquilo que excede em um é utilizado pelo outro. Aqui os sintomas podem ser tratados no conjunto, aliás, impreterivelmente, com a ajuda dos outros.

Esperamos, com este caminho percorrido, alcançar uma pequena contribuição para o estudo do grupo, desde a problemática da massa até a utilização do grupo como artifício clínico.